

Recebido em 29/07/2019 e aprovado em: 30/03/2020

O USO DE FOTOGRAFIAS COMO POTENCIALIZAÇÃO DA PRÁTICA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: UMA ANÁLISE À LUZ DE BOURDIEU

THE USE OF PHOTOGRAPHS AS A POTENTIALIZATION OF PRACTICE IN ORGANIZATIONAL STUDIES: AN ANALYSIS IN THE LIGHT OF BOURDIEU

João Gabriel Dias dos Santos¹
Rafael Borim-de-Souza²
Camilla Atibaia Cestari³

Resumo: Este ensaio teórico teve como objetivo geral compreender de que modo o uso de fotografias pode potencializar a prática, de acordo com a sociologia bourdieusiana, nos estudos organizacionais. As ideias e questões foram debatidas de maneira teórica, com o intuito de gerar reflexões em relação ao tema fotografia nos estudos organizacionais. A fotografia exerce uma função importante na sociedade, uma vez que captura momentos em determinados contextos por meio de seu aspecto visual. A sociologia bourdieusiana foi utilizada como apoio teórico neste ensaio. Foram discutidos os elementos que constituem a fotografia – sendo eles objetivos e subjetivos, em concordância com a história de acordo com Bourdieu – e ainda, devido a sua forte potência comunicativa, a fotografia como um discurso transmitido pela linguagem. Para alcançar o desenvolvimento das proposições, estabeleceu-se uma relação entre a fotografia e conceito de prática de Bourdieu. Tendo por base antecedente, foi discutido como a prática pode ser potencializada pela fotografia nos estudos organizacionais. Levando em consideração esses aspectos, inferiu-se que a fotografia pode ser considerada a representação objetiva da prática consolidada.

Palavras-chave: Prática; Fotografia; Estudos organizacionais; Bourdieu.

Abstract: This theoretical essay had as general objective the understanding of how the use of photographs can potentiate the practice according to the Bourdieusian sociology in the organizational studies. The ideas and issues have been debated in a theoretical way, in order to generate reflections on the theme of photography in organizational studies. Photography plays an important role in society, since it captures moments in certain contexts, through

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA-UEL).

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA-UEL).

³ Discente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA-UEL).

its visual aspect. Bourdieusian sociology was used as theoretical support in this essay. The elements that constitute the photograph were discussed, being objective and subjective in agreement with the history for Bourdieu and still due to its strong communicative power, photography as a discourse transmitted by the language. In order to achieve the development of the propositions, a relation was established between photography and Bourdieu's concept of practice. Based on the antecedent, it was discussed how the practice can be enhanced by the photography in the organizational studies. Considering these aspects, it has been inferred that photography can be considered the objective representation of the consolidated practice.

Key-words: Practice; Photography; Organizational studies; Bourdieu.

Ao longo dos anos, o estudo das organizações tem se desenvolvido com o intuito de promover uma evolução no debate crítico da ciência organizacional (Scott, 2004). Os estudos organizacionais se apresentam como um discurso "(...) demarcando um espaço discursivo ligado ao significante das organizações e instanciando um contexto institucional. Como um discurso, estudos organizacionais são um nexo de poder de conhecimento" (Westwood; Clegg, 2003, p. 1, tradução dos autores). Esses estudos buscam, por meio do método científico, a compreensão das movimentações sociais orientadas por aspectos subjetivistas e objetivistas (Benson, 1977).

Teorias e métodos relacionados aos estudos organizacionais possuem dificuldade de compreender e capturar a prática nas e das organizações. Teorias e métodos advindos do paradigma estruturalista possuem fortes bases positivistas e têm seu foco nos elementos objetivos, ou seja, desconsideram a existência de universos simbólicos. Já no interpretativismo, as teorias e os métodos têm seu foco nos elementos subjetivos, evidenciando a existência de uma incapacidade em compreender as necessidades e demandas de determinantes objetivas do mundo social, pois desprezam a máxima de que as estruturas influenciam os indivíduos (Burrell; Morgan, 1979). A apresentação de um pensamento que consiste na existência de uma inter-relação entre indivíduos e organizações, associa-se à ideia de que o ambiente molda os indivíduos e os indivíduos moldam o ambiente (Weick, 1995).

Neste ensaio teórico, o intuito é apresentar a fotografia como um possível diferencial na compreensão da prática nas e das organizações. Para Collier (1973), a fotografia contém em si um conjunto de elementos não objetivamente descritíveis que permitem ao observador reconstruir a realidade, ou seja, elementos não-verbais. Assim, esses elementos são considerados não-verbais por se tratarem de aspectos ou objetos que admitem múltiplas interpretações acerca de si e que sofrem um processo de diferenciação em uma percepção que escapa aos limites da linguagem.

A fotografia desempenha um papel essencial na sociedade, uma vez que retrata determinados contextos, aspectos culturais, grandes acontecimentos, emoções, etc. (BARTHES, 1984). Ela contribui para a formulação de reflexões acerca dos acontecimentos que demarcam determinado fato ou período, assim “As fotografias são registros preciosos da realidade material” (COLLIER, 1973, p. 7). O momento que a fotografia abarca é carregado por diversas interpretações.

Através do prisma fotográfico, percebe-se melhor como é o projeto de uma ciência total da sociedade, capaz de abarcar todos os aspectos da realidade, visíveis e invisíveis, incorporados e objetivados, e de desnudar as causas sociais e as razões de seu curso indisciplinado (...) (WACQUANT, 2004, p. 403, tradução dos autores).

Para que se possa estudar a fotografia como um fenômeno socialmente construído, fenômeno de interesse, utiliza-se como base a microssociologia de Bourdieu, que entende as estruturas como construções sociais e os indivíduos como agentes, dotados de uma capacidade de ação inovadora ou estratégica que lhes permite relativo grau de autonomia frente às imposições estruturais, sem necessariamente estar totalmente alheio a essas. Tais ações são orientadas por esquemas de percepção e ação que se manifestam na construção daquilo que Bourdieu entende por prática (BOURDIEU, 2011).

O campo em que a prática acontece tem sua parcela de objetividade e sua parcela de subjetividade. É pela prática que as relações entre indivíduos do campo acontecem. Ainda por meio da prática, os indivíduos utilizam-se de estratégias para manutenção da ordem no campo. A prática se ampara em três aspectos: urgência, especificidade, e ser concreta, sendo assim uma resposta ao nível de urgência, que faz parte de uma situação concreta, necessita se fazer imediata, o que a torna também adaptável e imprevisível (BOURDIEU, 2009).

Levando em conta esses aspectos, este ensaio teórico tem como objetivo geral compreender como o uso de fotografias pode potencializar a prática de acordo com a sociologia bourdieusiana nos estudos

organizacionais. Este ensaio teórico oferece novas perspectivas de reflexão abordando as discussões sobre a prática de Bourdieu nos estudos organizacionais. Nos estudos etnográficos de Pierre Bourdieu, a fotografia “(...) funcionou como uma técnica eficiente de registro e armazenamento que permitiu capturar e coletar grandes quantidades de informações em situações de tensão social e emergência temporária (...)” (WACQUANT, 2004, p. 400, tradução do autor). Sendo assim, procura-se estabelecer uma relação entre a fotografia e a prática nos estudos organizacionais como uma nova alternativa para compreensão da realidade, tendo em vista que a fotografia pode ser uma ferramenta diferencial do pesquisador possibilitando o acesso a um prisma de investigação da realidade.

Durante este ensaio, as ideias e questões levantadas foram debatidas de maneira teórica, uma vez que este não exige uma comprovação empírica, mas pode recorrer às questões científicas quando necessário. As colocações propostas foram discutidas de maneira reflexiva. Com o intuito de compreender como o uso de fotografias pode potencializar a prática de acordo com a sociologia bourdieusiana nos estudos organizacionais, este ensaio teórico foi estruturado da seguinte maneira: a problematização, a fundamentação, as proposições acerca do tema em questão, e, por fim, as considerações finais.

Problematização

As relações estabelecidas entre a sociologia bourdieusiana e os estudos organizacionais podem se apresentar como forma de compreender a prática

nas organizações, uma vez que o sociólogo se pautou na relação de interdependência entre agência e estrutura. Essa relação entre agência e estrutura faz parte do cenário organizacional, visto que as organizações podem ser interpretadas como estruturas, e os indivíduos, que com elas interagem, representam a agência. O embate entre agência e estrutura permeia a teoria das organizações, que apresenta um foco maior na objetividade e descarta a subjetividade (EMIRBAYER; MISCHE, 1998). A relação entre agência e estrutura muito se vale da propagação estrutural do que é produzido e reproduzido pelos agentes.

Estruturas podem ser classificadas como “(...) conjuntos de esquemas e recursos mutuamente sustentáveis que fortalecem e restringem a ação social e tendem a ser reproduzidos por essa ação social” (SEWELL, p. 1992, 19, tradução dos autores). O poder é um elemento que difere uma estrutura das outras, advindo da durabilidade e da dinâmica que cada estrutura carrega. A concepção do que é estrutura afeta “(...) a tendência dos padrões de relações a serem reproduzidos, mesmo quando atores engajados nas relações desconhecem os padrões ou não desejam sua reprodução” (SEWELL, 1992, p. 3, tradução dos autores). Associado a essa ideia das relações estabelecidas entre os indivíduos, os quais reproduzem a estrutura, a agência se refere à capacidade dos indivíduos intervirem nas relações sociais das quais fazem parte. A agência pode ser vista como o

“(...) engajamento construído temporalmente por atores de diferentes ambientes estruturais – (...) que, por meio da interação de hábito, imaginação e julgamento, reproduzem e transformam essas estruturas em resposta interativa à problemas colocados pela mudança de situações históricas” (EMIRBAYER; MISCHE, 1998, p. 970, tradução do autor).

A perspectiva de compreensão da realidade para Bourdieu pode ser vista como construtivista-estruturalista ou estruturalista-construtivista. Essa abordagem contribui para a compreensão da relação dialética entre a agência e a estrutura,

(...) não somente o sistema das relações objetivas que constrói o modo de conhecimento objetivista, mas as relações dialéticas entre as estruturas objetivas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade" (BOURDIEU, 2002, p. 235).

Por meio dessa forma de pensamento explorada pelo autor, a estrutura é representada por relações objetivas, sua existência independe da consciência e da vontade dos agentes e ainda orienta os comportamentos e ações destes. Essas estruturas são conceituadas como o campo, um espaço de relações objetivas. O campo é um espaço micro, social e hierarquizado. Micro, pois faz parte de um recorte do espaço social; social, pois é composto por indivíduos; e hierarquizado, porque se divide em dominantes e dominados. Além disso, é dotado de uma *doxa*, significados dominantes compartilhados para que os indivíduos tenham um senso de pertencimento ao campo. Bourdieu chama esse senso de *illusio* (BOURDIEU, 2012, 2004, 2011).

A estrutura é representada pelo campo e a agência pelo *habitus* incorporado nos indivíduos, rompendo assim com a objetividade do campo. Os capitais são os objetos de disputa no campo, por meio dos quais os agentes visam alcançar ou melhorar sua posição de forma a constituir sua legitimação. A partir dessa lógica dos conceitos de Bourdieu, é possível verificar a possibilidade de aplicação de sua teoria nos mais diversos tipos de campos ou organizações das mais variadas áreas, uma vez que o autor pesquisou diferentes campos, o jurídico, o artístico e o acadêmico. Os agentes utilizam-se dos capitais que possuem a fim de alcançarem seus interesses, para isso fazem o uso de práticas para evidenciar sua posição no campo (BOURDIEU, 2004).

A abordagem epistemológica se apresenta como ponto fundamental para orientação de estudos e pesquisas, a epistemologia historicista de Bourdieu contribui para a compreensão que permeia a relação dialética entre a agência e a estrutura. A história, para o sociólogo, retrata aquilo que envolve as estruturas e os indivíduos, sendo assim, a história representa uma forma de compreender o campo e as relações de dominação que nele

existem (BOURDIEU, 1993). Tendo em vista a posição do sociólogo em não privilegiar nenhum dos lados, agência ou estrutura, considerar o percurso histórico dos objetos de pesquisa permite uma forma alternativa de adquirir uma compreensão mais profunda e reflexiva da dinâmica das organizações.

Destarte, a fotografia como representação visual (BARTHES, 1984) pode ser considerada como um meio mais favorável de compreender a prática, visto que, por retratar características que envolvem o aspecto social, esta se traduz como uma melhor forma de entendimento em comparação a outros meios de difusão de conhecimento. Como forma de levantamento de dados, pressupõe uma relação direta com a subjetividade do indivíduo a partir de um intermédio de um sistema objetivamente codificado.

Os desafios da linguagem em transmitir, por meio de palavras ou qualquer outro meio de difusão de conhecimento, aquilo que realmente aconteceu em determinado momento, faz com que a fotografia se apresente como um diferencial por se tratar de aspecto visual. (BARTHES, 1984, p. 20) explana que

(...) a imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem; essa inversão tem seu preço: nos moldes tradicionais de 'ilustração', a imagem funcionava como uma volta episódica para a denotação, a partir de uma mensagem principal (o texto), que era sentido como conotado, já que precisava de uma ilustração; na relação atual, a imagem já não vem esclarecer ou 'realizar' a palavra; é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem (...).

Afinal, pelo visual as pessoas podem enxergar aspectos que talvez sejam imperceptíveis ou não captáveis por meio da escrita ou por qualquer outro meio de transmissão de conhecimento. A fotografia, além de seus aspectos objetivos, está imersa na subjetividade. Caberá somente à interpretação do indivíduo conhecer ou reconhecer o que se vê. Ao se estabelecer uma relação para compreensão da prática pela fotografia, (BOURDIEU, 2004, p. 32) ressalta que

(...) foi a preocupação de reagir contra as pretensões da grande crítica que (...) levou a 'dissolver' as grandes questões remetendo-as a objetos socialmente menores ou mesmo insignificantes, mas, em todo caso, bem circunscritos, logo, passíveis de serem apreendidos empiricamente, como as práticas fotográficas.

A compreensão da prática fotográfica, para Pierre Bourdieu, gerou um interesse sociológico em seus estudos etnográficos, tendo em vista que ela pode transmitir esquemas de percepções, pensamentos e apreciações sobre a realidade social (BOURDIEU, 1965). A fotografia pode se apresentar como uma evidência incontestável por toda a sua objetividade concreta, mas, a partir da ideia de prática de Bourdieu, pode-se gerar novas reflexões e inquietações para além dessa objetividade, ou seja, todo um conjunto de probabilidades por trás do aspecto visual. Assim, este ensaio teórico visa responder o seguinte problema: Como o uso de fotografias pode potencializar a prática nos estudos organizacionais à luz de Bourdieu?

Fundamentação

Com o intuito de utilizar a sociologia bourdieusiana como apoio teórico neste ensaio, faz-se necessário apresentar uma relação com os estudos organizacionais. O conceito fundamental para a compreensão dos assuntos abordados é a prática. A prática, conceito utilizado pelo sociólogo, envolve como se dá o funcionamento das práticas no campo de análise. As organizações são compreendidas como um campo, caracterizado pelas

relações existentes entre indivíduos e estrutura, objetivo e subjetivo. Para tanto, apresentou-se a fotografia como um diferencial no entendimento da prática para os estudos organizacionais.

Os estudos das organizações começaram no século XIX por pensadores que tinham o intuito de interpretar as transformações ideológicas e estruturais oriundas do capitalismo industrial. Saint-Simon foi um dos primeiros pensadores que, por meio de observações das transformações ideológicas, deu início às ideias dos estudos organizacionais. As organizações passaram a ser fontes de resoluções para as necessidades das pessoas, seja no âmbito individual ou coletivo. O desenvolvimento dos estudos organizacionais é composto por três aspectos: gramática, recursos simbólicos e técnicos e conjunto de discursos (REED, 1999).

Os estudos organizacionais podem ser analisados por meio de duas abordagens, ou seja, visões de mundo que contribuem para o entendimento das relações no campo organizacional, a abordagem objetiva e a subjetiva. A vertente objetiva trata dos aspectos formais, em que se estabelece uma definição concreta de forma que todos possam compreender determinado objeto de estudo. Já a vertente subjetiva refere-se ao indivíduo e às relações que este estabelece. O uso da sociologia de Bourdieu inscreve-se particularmente na perspectiva de romper com a dualidade da realidade analisada somente pela perspectiva objetiva ou somente pela subjetiva. Ele enxerga a relação existente entre as duas vertentes. Bourdieu traz essa relação no que diz respeito às estruturas já existentes e que, de certa forma, impõem alguma coerção sobre o indivíduo. Além disso, expressa em sua teoria que há ruptura dos elementos formais e a movimentação dos agentes no campo (EVERETT, 2002; BOURDIEU, 2004, 2012).

A relação entre agência e estrutura é um debate que marca os estudos organizacionais, e utilizar a lente bourdieusiana como forma para interpretar a realidade por meio da relação dialética entre ambos demonstra a não "preferência" por retratar ou pautar-se somente em um lado (VAUGHAN, 2008; SWARTZ, 2008). Dessa forma, a sociologia bourdieusiana se mostra como uma

alternativa a fim de compreender como a prática pode ser potencializada por meio da fotografia.

A sociologia reflexiva de Bourdieu pode ser classificada simultaneamente como estruturalista construtivista e também como construtivista estruturalista. Sua perspectiva se concentra no estruturalismo, uma vez que existem estruturas objetivas pré-estabelecidas que podem coagir a ação dos indivíduos e orientar seus comportamentos. Diferentemente, em uma abordagem construtivista, considera-se que “(...) os objetos de conhecimento são construídos (...) que o princípio dessa construção é o sistema de disposições estruturadas estruturantes (...)” (BOURDIEU, 2009, p. 86) devido a esquemas de percepção e pensamentos. A construção social da realidade se dá não somente a partir da separação das estruturas, mas também pela relação dialética entre as estruturas e as interações entre os agentes.

O conceito de Bourdieu que melhor representa esse compartilhamento interpretativo entre o estruturalismo e o construtivismo é o campo. O campo, para Bourdieu (2012), é visto como um jogo, caracterizado pela luta dos indivíduos entre dominantes e dominados, na tentativa de modificar a sua estrutura, isto é, na tentativa de alterar suas posições no campo perante outros que impõem determinada espécie de capital como uma forma de hierarquização do campo, que, por conseguinte, garantem sua dominação. O campo refere-se a uma estrutura objetiva que atua como uma instituição cuja existência tem por finalidade a organização da sociedade. Ele abriga um conjunto de relações históricas e objetivas.

Todo campo, para Bourdieu (2004), é um campo de poder, um espaço de disputa pelo poder entre os agentes que o integram e que buscam preservar ou alcançar determinadas posições. Essas posições são obtidas a partir da disputa de capitais específicos, valorizados de acordo com as características de cada campo. Os capitais são possuídos em maior ou menor volume pelos agentes que compõem os campos, diferenças estas responsáveis pelas posições hierárquicas que tais agentes ocupam.

Os campos são formados por agentes, que podem ser indivíduos ou instituições, os quais criam os espaços e os fazem existir pelas relações que ali se estabelecem. As relações e interações entre os agentes que integram o campo tornam-no o campo também um campo social. Esse espaço também presume confronto, disputas, tomada de posição, luta, poder, já que, de acordo com Bourdieu, todo campo "(...) é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças" (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

O campo é considerado um espaço permeado por aspectos objetivos e subjetivos, e isso se traduz pela relação entre agência e estrutura. A objetividade é representada pelas estruturas pré-estabelecidas, e a subjetividade, pelos agentes, dotados da estrutura incorporada chamada pelo sociólogo de *habitus*. Essa relação é dialética, ou seja, de interdependência é a base do movimento de perpetuação do campo (Bourdieu, 2004).

No campo, a realidade é socialmente construída por meio da prática e das relações entre os indivíduos que o compõem (BOURDIEU, 2009). Desta maneira, compreende-se o campo como um espaço generalizado de disputas, ou seja, como um fator objetivo. Entretanto, por agrupar relações entre indivíduos, também é válido dizer que esse campo detém sua parcela subjetiva, no qual "(...) a própria interação que deve sua forma às estruturas objetivas que produziram as disposições dos agentes em interação e que ainda lhe designam por meio delas suas posições relativas" (BOURDIEU, 2009, p. 92). Nas teorias do sociólogo, aquilo que define a parte subjetiva do campo é denominado de *habitus*, sendo este o próprio campo.

O *habitus* pode ser entendido como disposição estruturada e estruturante. Estruturado, por ser construído socialmente por intermédio de disposições objetivadas no aspecto social, e estruturante, por meio de disposições constituídas na mente do indivíduo, e, também, de experiências obtidas de processos de socialização vivenciados pelos agentes. O *habitus* rompe com a exclusividade do aspecto estruturalista do campo por se tratar

de uma estrutura incorporada que advém do processo de construção social, por isso não se faz estático. Ele é tido como um hábito incorporado involuntariamente na sociedade sem ser questionado e é considerado sinônimo de estrutura incorporada. Também é considerado um mecanismo da interiorização das exterioridades, que são disposições transferíveis e duráveis por meio das quais os indivíduos agem, pensam, percebem, apreciam e avaliam o mundo (BOURDIEU, 2009). O habitus é um produto da história, ele

(...) produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme os esquemas engendrados pela história; ele garante a presença ativa das experiências passadas, que depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem (...) a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo (BOURDIEU, 2009, p. 90).

Cabe ressaltar que a prática é abordada nos estudos organizacionais por meio da ação e as teorias de ação (ASTLEY; VAN DE VEN, 2005). A prática é um conceito de Bourdieu (2009) que liga o campo ao *habitus*, trata-se de uma reflexão em dupla crítica, uma vez que se estabelece relações entre o objetivismo e o subjetivismo. Prática é uma manifestação que se dá por meio da ação, dotada de sentido e valor socialmente construído, influenciada por elementos incorporados e pelo conjunto de relações na qual o agente se encontra, "(...) a experiência que os agentes realmente têm nas interações, nos contatos sociais, e a contribuição que trazem à construção mental e prática das realidades sociais." (BOURDIEU, 2004, p. 49).

Ação e Prática são conceitos fundamentais para compreender o meio pelo qual as relações sociais se estabelecem. A prática é o elo entre o subjetivo e o objetivo, a relação entre campo e *habitus*, por meio dela elementos incorporados são manifestados ou elementos estruturados são internalizados. A prática está intimamente ligada com a ação, mas seus significados se diferenciam. Aquela se refere a um conjunto de construções

que interferem no meio pelo qual as pessoas vão realizar uma ação. Já a ação, é o meio pelo qual a prática se desenvolve (BOURDIEU, 2009).

A prática é construída de acordo com as experiências e as interações sociais entre os agentes (BOURDIEU, 2004). A análise da prática vai além das estruturas objetivas e "(...) leva em conta a historicidade e, portanto, a relatividade das estruturas cognitivas, enquanto registra o fato de que os agentes universalmente colocam em ação tais estruturas históricas" (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 139, tradução do autor). As disposições incorporadas pelo agente em sua trajetória histórica no campo influenciam em suas práticas e se manifestam por meio da ação. Assim, como uma construção social incorporada, o princípio dessa construção é originado por disposições estruturadas e estruturantes, que denominam a prática e são orientadas para funções práticas (BOURDIEU, 2009). Assim,

A prática é ao mesmo tempo necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada na sua imediaticidade pontual porque ela é o produto da relação dialética de uma situação e um *habitus*, entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas permitindo resolver os problemas de mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por estes resultados" (Bourdieu, 2002, p. 261).

Os indivíduos, na pretensão de produzir práticas, utilizam-se de estratégias com intuito de alcançar interesses particulares. Assim, as disposições incorporadas pelo *habitus*, como as experiências e as vivências, são princípios geradores da prática (BOURDIEU, 2009). Na relação entre

prática e *habitus*, “(...) os objetos de conhecimento são construídos e não passivamente registrados” (BOURDIEU, 2009, p. 86). A partir dessa ideia, a fotografia transcende de objeto passivamente registrado, pois ela pode transmitir um conjunto de práticas advindos de uma história de elementos incorporados. Ela é utilizada neste ensaio como uma alternativa diferencial para compreensão da prática nas organizações.

Harper (1988) salienta o uso de fotografias para descrever ou investigar fenômenos sociais. Caulfield (1996) ressalta três razões pelas quais as fotografias são de interesse de estudos sociológicos: (1) elas refletem o mundo da vida e as relações sociais entre os indivíduos; (2) são elementos formadores da vida social; e ainda (3) podem manter informações documentais acerca dos indivíduos. De acordo com Barthes (1984, p. 49)

(...) a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão - ela fornece de imediato esses “detalhes” que constituem o próprio material do saber etnológico. (...) Ela me permite ter acesso a um infra-saber; fornece-me uma coleção de objetos parciais e pode favorecer em mim um certo fetichismo: pois há um “eu” que gosta do saber (...).

“Vive-se na época em que o visual perpassa todos os domínios do fazer humano, contudo, a Administração continua usando as palavras para descrever e interpretar a realidade do mundo do trabalho” (CAVEDON, 2005, p. 14). As fotografias são passíveis de múltiplas interpretações, pois são carregadas de fatos e informações, podendo proporcionar diversas representações acerca da vida cotidiana. (MONTEIRO, 2006, p. 12) expõe que

(...) a fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante

separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma etc. Em terceiro lugar, transforma o tridimensional em bidimensional, reduz a gama das cores e simula a profundidade do campo de visão.

A fotografia, segundo Warren (2008), possui propriedades que desempenham um papel importante na sua construção, sendo estes detalhes, a força comunicativa e a iconografia. Os detalhes concebem as particularidades apresentadas na fotografia, todas as partes que envolvem o todo. A força comunicativa se apresenta como ponto crucial, uma vez que, por meio da imagem, precisa se fazer inteligível e captar aquilo que realmente está se buscando de maneira visual. Uma fotografia carrega além do que se está na captura, mas também uma comunicação acerca de determinado fato, acontecimento, objeto ou qualquer outra forma a fim de expressar algo por meio do visual. A iconografia se traduz na forma visual de representar determinado tema e símbolos. Em suma, esses elementos se traduzem como formas que valorizam a fotografia como um diferencial com o intuito de compreender aspectos e características de um campo. Considerando esse tópico teórico como fundamentação para este ensaio, foram levantadas duas proposições com o objetivo de explanar uma relação entre fotografia e prática à luz de Bourdieu.

Proposições

- 1) A interpretação subjetiva da fotografia, enquanto representação objetiva, potencializa a prática.

A ontologia visa compreender e estudar a própria natureza da existência de tudo aquilo que há no mundo, uma busca pela natureza do ser, do existir. Ela se pauta- em como se dá a existência do todo e qualquer existir, seja de seres orgânicos, inorgânicos, materiais ou metafísicos. Como tentativa

científica de entender a existência de tudo o que o homem entende ou, ao menos, conhece, a ontologia compreende tais existências por duas correntes principais: o objetivismo e o subjetivismo. Para o objetivismo a existência do mundo é inerente em si, ou seja, independe de intervenções e/ou interpretações individuais e coletivas. Já para a visão subjetivista, a existência das coisas se dá por meio de um reconhecimento socialmente compartilhado (MARSH; FURLONG, 2002).

No intuito de acessar aspectos ocultos da realidade, Bourdieu fundamenta-se numa ontologia historicista, a qual, por meio do resgate de uma jornada temporal e socialmente construída, interessa-se pelo questionamento da história oficial como produto uma verdade inquestionável. Essa ontologia, portanto, pretende desnaturalizar a história reificada ao contestar sua capacidade de explicação e de justificação. Por uma abordagem explicativa dominante, a história é um meio de percorrer o processo de criação, significação e ressignificação, reconhecimento e legitimação daquilo que se pretende apresentar como algo incontestável, ou seja, algo que apresente em si uma justificação metafísica que a tudo justifica, mas que, por si mesma, nada explica (BOURDIEU, 1993). A ontologia historicista, de acordo com Bourdieu, explica a relação entre campo e habitus, nascida da relação entre o macro e o micro, o texto e o contexto, assim o

Habitus sendo ligado ao campo dentro do qual ele funciona (e dentro do qual, como na maioria das vezes, foi formado) por uma relação de cumplicidade ontológica, a ação do "sentido prático" equivale a um encontro imediato da história consigo mesma, através do qual o tempo é gerado. A relação entre o habitus e o campo, por meio do e para o qual é criada, é uma relação não mediada, infraconsciente e prática de *illusio*, de investimento, de interesse no jogo, a qual implica um senso de jogo e um senso (com o duplo sentido agregado ao significado de orientação, direção e significação) da história do jogo; em suma, uma antecipação prática ou uma inclinação para não ser enganado por um projeto consciente ou um esquema calculado (BOURDIEU, 1993, p. 273-274; tradução dos autores).

“A história é um dos meios mais eficazes para pôr a realidade à distância e para produzir um efeito de idealização e espiritualização e, deste modo, paradoxalmente, de eternização” (BOURDIEU, 2012, p. 268). A ontologia se apoia na relação entre a história reificada e a história incorporada, uma dupla história proposta por Bourdieu. A história reificada é representada pela “(...) história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direitos, etc.(...)” (BOURDIEU, 2012, p. 82). A história incorporada é a “(...) história no seu estado incorporado, que se tornou habitus, aquele que tira o chapéu para cumprimentar reactiva, sem saber (...)” (BOURDIEU, 2012, p. 82). Em suma, a história objetivada, factual ou reificada refere-se à história contada por meio da sucessão de fatos objetivados e a história incorporada; a história vivenciada refere-se à relação de interação estabelecida com o mundo social.

Sendo assim, cabe àquele que interpreta a fotografia buscar a coerência dos fatos vinculados, ou seja, o contexto e a história relacionados a ela. A interpretação da fotografia pode estar em desacordo com a real intenção daquele que a produz, pois a atribuição de significados e as experiências dos indivíduos influenciam em sua percepção, sua visão de mundo, sendo estes suscetíveis a elementos incorporados. Essas disposições incorporadas correspondem à definição de habitus na sociologia bourdieusiana, que impacta diretamente na prática. Sendo assim, “construir a noção de habitus como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos.” (BOURDIEU, 2004, p. 25-26). Em suma, cada indivíduo é dotado de um habitus específico, que gera um sentido prático único e que influencia a sua percepção em torno do que uma fotografia pode transmitir.

Bourdieu busca identificar aquilo que é aparente e não aparente no campo, aspectos que podem estar explícitos ou não (WACQUANT, 2004). As

fotografias "(...) gravam detalhes que podem instigar os espectadores a refletirem sobre realidades culturais mais amplas" (HARPER, 2000, p. 727, tradução dos autores). Sendo assim, a fotografia permite a captura de elementos objetivos para posterior análise, pela representação de um conjunto de movimentações, o qual apresenta a manifestação de elementos subjetivos e objetivos. As práticas realizadas por diferentes motivações num mesmo contexto nem sempre ocorrem da mesma maneira (BOURDIEU, 2009). A fotografia pode potencializar a prática, porque permite uma representação objetiva da mesma, trata-se do registro de um momento cuja temporalidade é encerrada em si mesmo. Também fornece evidências dos universos simbólicos que conferem sentido e valor para os elementos objetivos capturados pela imagem, ou seja, denuncia sem pontualmente demonstrar e explicar. Flick (2009, p. 221) ressalta que

Suposições teóricas que determinam o que é fotografado e quando, que aspecto é selecionado para análise a partir da fotografia etc. deixam sua marca na utilização das fotografias como dados ou para a documentação de relações; as câmeras são incorruptíveis em termos de sua percepção e documentação do mundo, no entanto também transformam o mundo conforme o modo como o apresentam; as fotografias contam a verdade, porém até que ponto estão também marcadas pela interpretação e pela atribuição daqueles que tiram e a observam?; as fotos revelam uma abordagem ao mundo simbólico dos sujeitos e suas opiniões.

Logo, aquele que está na posição de intérprete da fotografia situa-se à margem daquilo que é interpretado,

(...) ele apreende a ação como um espetáculo, uma representação, uma realidade que ele mantém à distância e que se mantém diante dele como um objeto, porque ele dispõe de instrumentos de objetivação - fotografia, esquema, diagrama, genealogia ou, simplesmente, escrita (BOURDIEU, 2009, p. 138).

A prática determina as condições de existência, os esquemas de percepção e de ação que "(...) funcionam como operadores práticos por meio dos quais as estruturas objetivas de que são o produto tendem a se

reproduzir nas práticas” (BOURDIEU, 2009, p. 157). Pode-se inferir que a fotografia é uma representação objetiva da prática consolidada, sendo uma reprodução da realidade. Aquilo que pode ser visualizado a olho nu numa fotografia reflete uma representação objetiva cuja interpretação advém da visão de mundo do indivíduo, sua subjetividade, que denuncia os elementos subjetivos de um universo simbólico. A fotografia potencializa a prática porque, enquanto representação objetiva, apenas objetiva-se pela subjetividade da interpretação daquele que a interpreta (BOURDIEU, 1993, 2004, 2009; WACQUANT, 2004; HARPER, 2000; FLICK, 2009).

2) A fotografia, por transmitir o que é visual, é uma construção social inteligível por compartilhamentos discursivos e linguísticos passíveis de endossar interesses e manipulações que representem ou ocultem as práticas organizacionais.

O campo das organizações é como qualquer outro campo na visão bourdieusiana, um campo de poder, um campo social, um campo de forças e um campo de lutas. Nele, as relações sociais são pautadas por interesses daqueles que dominam, isto é, desenvolvem estratégias na busca pela legitimação (BOURDIEU, 2004). Uma das formas de alcance dos interesses é o discurso compartilhado por uma linguagem dominante, tida como um conjunto de estruturas objetivas perceptíveis e estruturas subjetivas imperceptíveis presentes nas interações sociais (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

Para Bourdieu (2012), o discurso pode ser compreendido como uma criação advinda da relação de interdependência estabelecida entre o idioma e a linguagem, por meio da qual busca-se a mobilização de capitais para legitimar ou validar alguma posição no campo. Os discursos não são apenas enunciações, mas também falas embutidas de interesse a serem decifradas e avaliadas, transmitidas por um agente que busca aceitação e legitimação no campo (BOURDIEU, 2008). Logo, o discurso pode ser considerado um mecanismo de dominação e controle.

A fotografia possui a função de informar um fato ocorrido, um recorte da realidade, retratando o cotidiano (MONTEIRO, 2006). Ela contém também

uma mensagem devido a sua forte potência comunicativa (WARREN, 2008). Sendo assim, Fernandes (2011, p. 49) destaca

Sendo a imagem apenas parte do todo capaz de ser percebido pelo olho humano, ao se utilizar da fotografia como uma fonte a mais para a leitura da realidade, o pesquisador vai se cercar dos recursos de que dispõe, de modo a ser capaz de transformar um objeto inerte (a fotografia) numa linguagem plena de significação. Nesse exercício de aproximação subjetiva e recuo objetivo, na tentativa de perscrutar para além da imagem, o pesquisador, tal como o artesão, vai tecendo os fios das teorias, das técnicas e da epistemologia, em busca da centelha que lance luz sobre o detalhe, o imperceptível, para descobrir o que se esconde sob a evidência empírica.

Resgatando as reflexões levantadas na primeira proposição, os aspectos visuais são percebidos de formas diferentes pelos indivíduos, porque cada um possui uma diferente trajetória de seu universo particular de percepções e de ações. Dada a impossibilidade dos indivíduos de apresentarem um processo de socialização idêntico a qualquer outro processo de qualquer outro agente, entende-se, então, que a construção dos esquemas de percepção e de ação diferem entre si devido à incorporação ou experimentação de elementos diferentes ao longo desses processos, sendo esses elementos não objetivamente descritíveis (COLLIER, 1973).

As práticas como “(...) instrumentos de conhecimento e de comunicação que são a condição da constituição do sentido e do consenso sobre o sentido, não exercem sua eficácia estruturante a não ser que elas mesmas sejam estruturadas” (BOURDIEU, 2009, p. 157). A fotografia pode potencializar a prática expressando uma linguagem objetiva, que se configura em um discurso, visando o alcance de interesses e a sua respectiva legitimação no campo. O discurso é “por um lado, um conhecimento formal que coloca a realidade à distância e permite manipulá-la, (...) por outro, o complemento de alma, a psicanálise ou, em outros casos, os discursos metafísicos sobre o instante e a eternidade” (BOURDIEU, 2004, p. 67-68). Um descompasso entre os usos e interesses linguísticos por trás da fotografia pode

apresentar uma interpretação rasa e gerar distorções da realidade apresentada na mesma (BOURDIEU, 2004).

A fotografia, por sua força comunicativa, pode potencializar a prática como mecanismo de dominação ao revestir-se como instrumento para corroborar com o discurso dominante. No que se refere às organizações, aqueles que detêm o poder podem fazer uso de fotografias para manipular a realidade a partir delas, ou seja, buscar uma imagem baseado em seu aspecto visual. A história contada (reificada) pela organização pode não ser a realidade vivida em si (incorporada) tendo em vista a busca pela legitimação e manutenção do poder (BOURDIEU, 2004, 2009; WACQUANT, 2004; HARPER, 2000; FLICK, 2009). Cabe aqui um exemplo, como é o caso das fotos institucionais de uma empresa, que nem sempre retratam a realidade em sua verdade, mas se apresentam fotografias “produzidas” para um boa reputação e imagem da empresa. Outro exemplo pode ser associado às fotografias comercializadas pelas organizações midiáticas, as quais “vendem” imagens totalmente distorcidas da realidade, buscando uma padronização de comportamentos e corpos.

Considerações finais

Com o intuito de compreender como o uso de fotografias pode potencializar a prática, de acordo com a sociologia bourdieusiana, nos estudos organizacionais, pode-se inferir que a fotografia é uma representação objetiva da prática. As proposições levantadas podem vir a contribuir para o entendimento de como a prática se manifesta nas organizações, tendo em vista a fotografia como um emaranhado de interpretações enviesadas por elementos que vão além da objetividade, uma vez que avançam para a subjetividade. A intenção neste ensaio teórico não teve como fim apresentar proposições deterministas, mas sim contribuir para reflexões futuras nos estudos organizacionais.

A prática é uma construção social manifestada por meio da relação estabelecida entre as estruturas estruturadas e as estruturas estruturantes

(BOURDIEU, 2009). Toda prática contém particularidades do contexto. Assim sendo, a fotografia pode potencializar a prática, pois além de capturar a ação, o que é concreto e material (COLLIER, 1973), ela tem o poder de denunciar particularidades, elementos que garantem a uma prática diferenciação e especificidade. As práticas, como são particulares, tendem a ser íntimas com o campo, mas não necessariamente exclusivas do campo. A fotografia é produzida por indivíduos, retratada por indivíduos e interpretadas por indivíduos que possuem um habitus, tanto aqueles que fazem o registro, aqueles que são fotografados, e aqueles que a interpretam.

Bourdieu, ao se pautar em uma análise que visa compreender os aspectos visíveis e invisíveis do campo (WACQUANT, 2004), associa-se à fotografia pelo fato de poder carregar detalhes que contribuem para reflexão (BARTHES, 1984). As organizações, se compreendidas como o que Bourdieu classificou de campo, são um local onde a prática se manifesta, sendo assim a fotografia surge como uma alternativa inovadora ao tentar revelar interesses e estratégias que estão por trás dessas práticas. A fotografia, como forte potência comunicativa (WARREN, 2008), levou a criação da proposição de compará-la como um instrumento de dominação, afinal por meio dela as organizações podem “mascarar” a realidade na busca da legitimação de seus interesses.

Destarte, tudo que foi retratado anteriormente pode ser observado no campo organizacional, uma vez que fotografias vão além do aspecto objetivo e visual. Estas são carregadas de aspectos e elementos incorporados, os quais caracterizam um conjunto de probabilidades que influenciam sua característica objetiva. Ademais, a fotografia como uma forma de discurso transmitido pela linguagem faz com que ela revele aspectos simbólicos, subjetivos, contextuais e ocultos por trás de toda a sua concretude. Assim, pode-se estabelecer uma relação entre as duas proposições tendo em vista a fotografia como forma de potencializar a prática ao ressaltar aquilo de incorporado por trás do objetivado. E ainda, considerando as relações sociais

pautadas em interesses (BOURDIEU, 2012), as organizações podem se apropriar de um discurso e manipular a realidade pela fotografia.

Em vista dos argumentos apresentados, este ensaio teórico buscou propor reflexões acerca de temas relevantes para os estudos que compreendem a relação existente entre homem, organização e sociedade na tentativa de oferecer uma nova perspectiva de análise da realidade, tendo como diferencial a fotografia. Afinal, o avanço da tecnologia tornou o acesso a esse mundo cada vez mais dinâmico e rápido possibilitando o alcance a um acervo maior e mais completo acerca dos mais diversos temas recorrentes na realidade, facilitando e instigando novas pesquisas a partir dessa metodologia visual.

Referências

ASTLEY, W. Graham; VAN de VEN, Andrew H. Debates e perspectivas centrais na teoria das organizações. **Revista de Administração de Empresas**, vol. 45, n. 2, p. 52-73, 2005. Disponível em <<http://www.fgv.br/rae/artigos/revista-rae-vol-45-num-2-ano-2005-nid-44776/>> acesso em 13 de maio de 2019.

BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENSON, J. Kenneth. Organizations: A dialectical view. **Administrative science quarterly**, v. 22, n. 1, p. 1-21, 1977. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/2391741>> acesso em 24 de maio de 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Concluding remarks: for a sociogenetic understanding of intellectual works. In.: CALHOUN, C.; LIPUMA, E.; POSTONE, M. **Bourdieu: Critical Perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1993, p. 263-275.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática -precedido de três estudos sobre etnologia Cabila**. Oeiras: Celta, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SANTOS, João Gabriel Dias dos; SOUZA, Rafael Borim-de-; CESTARI, Camila Atibaia. O uso de fotografias como potencialização da prática nos estudos organizacionais: uma análise à luz de Bourdieu. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 89-115, jul./dez. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Un Art Moyen. Essai sur lês usages de la photographie**. Paris. Lês Editions de Minuit, 1965.

BOURDIEU, Pierre.; WACQUANT, Loïq. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: Polity Press, 1992. 101p.

BURRELL, Gibson.; MORGAN, Gareth. In search of a framework. In.: _____. **Sociological paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life**. Hants: Ashgate, 1979.

CAULFIELD, Jon. Visual sociology and sociological vision, revisited. **American Sociologist**, 11(3), p. 56-68. 1996. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/i27702229>> acesso em 24 de maio de 2019.

CAVEDON, Neusa Rolita. Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não ditos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n. 35, out./dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S198492302005000400001&lng=pt&nrm=iso> acesso em 05 de junho de 2019.

COLLIER, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU - Editora da USP. 1973.

EMIRBAYER, Mustafa.; MISCHÉ, Ann. What is agency? **American Journal of Sociology**, v. 103, p. 962-1023, 1998. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/10.1086/231294>> acesso em 05 de junho de 2019.

EVERETT, Jeffery. Organizational Research and the Praxeology of Pierre Bourdieu. **Organizational Research Methods**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.56-80, jan. 2002. SAGE Publications. Disponível em <<https://doi.org/10.1177/1094428102051005>> acesso em 12 de junho de 2019.

FERNANDES, Maria Esther. Imagem e olhar em pesquisa: para além do visível. **Revista Hospitalidade**, 8(2), p. 38-51. 2011. Disponível em <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/download/468/480>> acesso em 05 de junho de 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa** — 3. ed. — Porto Alegre: Artmed, 2009.

HARPER, Douglas. Reimagining visual methods: Galileo to Neuromancer. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 2. ed. Londres: Sage Publications Inc. p. 717-732. 2000.

SANTOS, João Gabriel Dias dos; SOUZA, Rafael Borim-de-; CESTARI, Camila Atibaia. O uso de fotografias como potencialização da prática nos estudos organizacionais: uma análise à luz de Bourdieu. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 89-115, jul./dez. 2019.

HARPER, Douglas. Visual sociology: expanding sociological vision. **American Sociologist**, 19(1), p. 54- 70. 1988. Disponível em <<https://link.springer.com/article/10.1007/BF02692374>> acesso em 05 de junho de 2019.

MARSH, David.; FURLONG, Paul. A skin not a sweater: ontology and epistemology in political science. In: MARSH, D. e STOKER, G. **Theory and Methods in Political Science**. Pallgrave McMillan, 2002.

MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história e cultura**, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/781>> acesso em 07 de maio de 2019.

REED, Michael. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999.

SCOTT, William Richard. Reflections on a half-century of organizational sociology. **Annu. Rev. Sociol.**, v. 30, p. 1-21, 2004. Disponível em <<https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev.soc.30.012703.110644>> acesso em 14 de maio de 2019.

SEWELL, William. F. A theory of structure: duality, agency, and transformation. **The American Journal of Sociology**, v. 98, n. 1, p. 1-29, 1992. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2781191>> acesso em 09 de maio de 2019.

SWARTZ, David. L. Bringing Bourdieu's master concepts into organizational analysis. **Theory and Society**, v. 37, n. 1, p. 45-52, 2008. Disponível em <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11186-007-9053-x>> acesso em 09 de maio de 2019.

VAUGHAN, Diane. Bourdieu and organizations: the empirical challenge. **Theory and Society**, v. 37, n. 1, p. 65-81, 2008. Disponível em <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11186-007-9056-7>> acesso em 26 de maio de 2019.

WACQUANT, L. Following Pierre Bourdieu into the field. **Ethnography**, v. 5, n. 4, p. 387-414, 2004. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/24047849>> acesso em 26 de maio de 2019.

WARREN, Samantha. Empirical Challenges in Organizational Aesthetics Research: Towards a Sensual Methodology. **Organization Studies**, v. 29, n. 4, p. 559-580, abril 2008. Disponível em <<https://doi.org/10.1177/0170840607083104>> acesso em 26 de maio de 2019.

SANTOS, João Gabriel Dias dos; SOUZA, Rafael Borim-de-; CESTARI, Camila Atibaia. O uso de fotografias como potencialização da prática nos estudos organizacionais: uma análise à luz de Bourdieu. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 89-115, jul./dez. 2019.

WEICK, Karl. E. Seven properties of sensemaking. In.: _____. **Sensemaking in organizations**. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc., 1995, p. 17-62.

WESTWOOD, Robert.; CLEGG, Stewart . The discourse of organization studies: dissensus, politics, and paradigms. In.: _____. (Ed.). **Debating organization: point-counterpoint in organization studies**. Oxford: **Blackwell Publishing**, 2003, p. 1-42.